

FALSAS LEMBRANÇAS NAS PSEUDOCIÊNCIAS E A INADEQUAÇÃO DA HIPNOSE NA RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA

Carlos Reis & Ubirajara Rodrigues

Universidade Fernando Pessoa. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias /
Associação Mineira de Psicanálise Contemporânea

DOI: 10.25768/21.04.01.020

RESUMO: O objetivo deste trabalho é demonstrar que a presença das falsas lembranças é muito mais comum do que se supõe, influenciando comportamento, vida social e profissional e a própria constituição psíquica do sujeito. Pessoas submetidas a técnicas como a hipnose em sua forma mais conhecida – a regressão de memória –, relatam tanto fatos aleatórios como enredos ricos, coerentes e complexos, cujo exame atento, porém, revela estarem à parte da realidade objetiva. Vale dizer, elas não experienciaram o que alegam ter vivido, sendo, na verdade, elaborações, histórias e fabulações que ouviram, leram e até tomaram conhecimento, mas não como protagonistas. São situações engendradas pela psique em razão de influências, sugestões, emoções, devaneios, fantasias, crenças, volições e ilusões de toda sorte, tampouco lacunas que a memória não tem condições de preencher. Fatos que não podem mais ser resgatados são substituídos pela própria dinâmica da mente, que não sobrevive no vazio. O recorte do estudo, multicêntrico e transdisciplinar, se atém à relação da hipnose com as falsas lembranças na pseudociência, o que lhe confere um caráter de pioneirismo pela ausência de uma literatura própria precedente.

PALAVRAS-CHAVE: falsas lembranças; hipnose; pseudociência; crenças; desamparo.

FALSE MEMORIES IN PSEUDOSCIENCES AND THE INADEQUACY OF HYPNOSIS IN THE RECONSTITUTION OF MEMORY

ABSTRACT: The objective of this paper is demonstrating that the presence of false memories is much more common than supposed, influencing behavior, social and professional life and the subject's own psychic constitution. Persons submitted to techniques such as hypnosis in its best-known form – memory regression – report both random facts and rich, coherent and complex plots, whose careful examination, however, reveals them to be apart from objective reality. It's worth saying that they have not experienced what they claim to have lived, being, in fact, elaborations, stories and fables that they heard, read and even became aware of, but not

© 2021, Carlos Reis & Ubirajara Rodrigues.

© 2021, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra ca-

rece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) autor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

as protagonists. These are situations engendered by the psyche due to influences, suggestions, emotions, daydreams, fantasies, beliefs, volitions and illusions of all kinds, filling gaps that memory is unable to fill. Facts that can no longer be retrieved are replaced by the mind's own dynamics, which cannot survive in the void. The outline of the study, multicentric and trans-disciplinary, stick to the relationship between hypnosis and false memories in pseudoscience, which gives it a pioneering character due to the absence of a previous literature of its own.

KEYWORDS: false memories; hypnosis; pseudoscience; beliefs; helplessness.

Índice

1	Um “corpo estranho” na memória	2
2	Hipnose, uma técnica superestimada	3
3	Lembranças no sentido literal	7
4	Mitos perenes da hipnose	9
5	Relatos em transe e sonhos: semelhanças	10
6	Abusos e outros traumas	14
7	A intervenção do pesquisador	16
8	A psique, um santuário	18
	Bibliografia	21

*A memória é uma vigarista,
uma emérita falsificadora
de fatos e de figuras.*

Nelson Rodrigues

1 Um “corpo estranho” na memória

MEMÓRIA é, simplesmente, o repositório de experiências vividas de uma pessoa – um “álbum de recordações” –, e, sem ela, não temos história, não podemos contá-la aos filhos, aos netos, nem a nós mesmos. Nossa memória é seletiva, e precisa ser, porque somos diariamente bombardeados com todo tipo de informação desde o berço, e não há como armazenar todas as experiências vividas. Só o que é realmente relevante ou marcante em algum momento fica à disposição para resgate imediato. O que é desagradável, o que nos machuca, o que não queremos lembrar, vai para algum lugar incerto e não sabido. Por isso

mesmo, ela é subjetiva e não dá nenhuma garantia de saber distinguir o real do irreal. É a “vigarice” sugerida na epígrafe, trapaceando conosco o tempo todo.

Que processos mentais se articulam para ativar ou desativar lembranças? Por que recordamos coisas que não queremos, e não lembramos de algo quando precisamos? E mais, como é possível lembrar de situações que nunca aconteceram? Pois essas e outras questões, marcadamente o falseamento de lembranças, tem impulsionado pesquisadores em todo o mundo há mais de um século, e a curva dos estudos e testes laboratoriais cresce significativamente. Só para constar, pois que não entraremos em detalhes, três modelos teóricos explicativos se apresentam para o debate das falsas lembranças: o Construtivista, o Movimento da Fonte e o Traço Difuso. Mas são teorias; a explicação, se é que há uma, permanece inacessível bem lá no fundo.

“Falsas lembranças”² é uma deformação mnemônica, eventos que jamais ocorreram são elaborados pela mente para reconstituir uma lembrança “perdida”. São muitos os estudos que sugerem que a valência e o alerta das emoções auxiliam a memória por meio de diferentes processos cognitivos, mostrando que experiências autobiográficas de forte tônus emocional são recuperadas com mais precisão do que aquelas sem conteúdo afetivo. Tal fato, contudo, não afasta a possibilidade de que recordações autobiográficas possam estar sujeitas a distorções e intromissões externas,

² Embora consagradas pelo senso comum, no rigor da letra “memória” e “lembrança” não são sinônimos. Memória é o continente, lembrança é o conteúdo. Adotamos, por-

tanto, essa distinção – “falsas lembranças”, mantendo o original das citações e obras (N. AA.).

um “corpo estranho”. Se, por um lado, é verdade que nossa memória permite quase sempre acessar, de forma funcional, fatos do passado, por outro lado é verdade também que tais lembranças não sejam fieis à realidade que acreditamos ter vivenciado.

Um efeito do impacto da emoção na memória é o *flashbulb memory* (memórias de lampejo), conforme descrito por Brown e Kulick (1977), que consiste em lembranças ricas em minúcias acompanhadas por elevados níveis de confiança subjetiva. A falsa lembrança cria situações embaraçosas, com reflexos sociais, porque envolve questões de ordem jurídica como, por exemplo, no reconhecimento da autoria de um crime, que, na verdade, não foi cometido pelo acusado.

Casos de roubos ou furtos de pequena monta, crimes de pouca gravidade (ou chamados de pouco poder ofensivo), estupros, abusos e violência sexual, entre outros, também trazem complicações do ponto de vista legal. Entretanto, como não será a seara por onde vamos caminhar, qualquer menção a respeito será apenas para ilustrar e dar alguma base ao raciocínio do momento. A memória não é um retrato da realidade, mas uma interpretação construída pela mente. Nosso cérebro reescreve o mundo a partir da subjetividade do ser, dando temperos particulares às experiências vividas, “ajustando” as informações antes de imprimi-las na consciência. Um dado importante é que uma equipe de cientistas da *Harvard University* descobriu que os mecanismos de acesso à memória são os mesmos da imaginação, vale dizer, uma pessoa pode fazer leituras equivocadas das lembranças gravadas corretamente na sua memória.

Segundo Damásio (1996), durante muito tempo a relação emoção-cognição não era considerada tema de estudos das neurociências, por julgarem que estavam em posições opostas na experiência humana. Hoje, o entendimento mudou consideravelmente, sendo consensual que a emoção e a cognição sejam domínios complementares e não mais excludentes. A fortuna crítica sobre as falsas lem-

branças cresceu a olhos vistos, muito provavelmente pelo atual cenário global. A questão que se coloca é: o quão as múltiplas vias de informação e conhecimento podem interferir nos processos da memória? Quais são os fatores endógenos e exógenos que contribuem para a “deformação” das lembranças?

O que procuraremos mostrar – e responder – é um aspecto geralmente desprezado pelos estudiosos de áreas consideradas pseudocientíficas, sendo as mais conhecidas os jogos divinatórios, como astrologia, cartomancia, numerologia; criacionismo, grafologia, homeopatia, crenças místico-religiosas (reencarnação, vida após a morte), ufologia e parapsicologia (mediunidade, telecinesia, terapia de vidas passadas). Grosso modo, pseudociência é tudo aquilo que não possui método científico na base de suas propostas, mas utiliza-se pretensamente de conceitos da ciência para validá-las, atuando mais na base da crença. O método que adotamos é basicamente o bibliográfico, para oferecer subsídios aos pesquisadores que não têm conhecimento suficiente sobre essas temáticas, por não serem reconhecidas como ciência *lato sensu*. Pseudociência é onde realidade e fantasia se chocam por não poderem ocupar o mesmo lugar no espaço.

Esse conjunto de crenças caminha em paralelo com os sistemas consolidados do conhecimento para que possa obter deles explicações “cientificamente comprovadas” dos fenômenos os quais se propõem estudar. As falsas lembranças serão abordadas aqui como alternativa plausível de resposta aos comportamentos daqueles que passaram por experiências anômalas ou “paranormais” no campo das pseudociências, mais exatamente no campo da nossa experiência, com a hipnose no estudo das chamadas abduções.

2 Hipnose, uma técnica superestimada

O estado hipnótico é, basicamente, uma regressão topográfica que interage com a emoção, a cognição e a experiência do Eu. Quem é afeito aos temas pseudocientíficos considera

a hipnose um método “infalível” na busca de respostas objetivas, conclusivas e satisfatórias. O fascínio que os apaixonados (“*passion*”) nesses temas é o mesmo que a hipnose lhes dá como “prova” das suas crenças, em termos metodológicos, o que de fato não é o caso. A hipnose, desde a sua passagem pela fase mística representada por praticantes como Pe. Johann Gassner (1727-1797), na Alemanha, Franz A. Mesmer (1734-1815), na Áustria, e Armand-Marie-Jacques de Chastnet, marquês de Puységur (1751-1825), na França, tem sido vista por certas correntes como uma espécie de “força” ou “energia” que emanaria do hipnotista³, influenciando o paciente. *Energia* tornou-se um termo genérico por várias vertentes místico-religiosas sem qualquer fundamento, já que a hipnose é apenas uma técnica que utiliza de meios *suggestivos* a quem a ela se submete; a verdade, no entanto, é a imaginação que colabora para os resultados.

Quando, porém, a partir do século 19, alguns estudiosos deram ensejo à fase científica da hipnose, como José Custódio Faria, o Abade Faria, professor de Filosofia em Marseille, França; James Braid, médico escocês em Manchester, no Reino Unido, criador do termo hipnose (do grego *hypnos*, sono); o médico austríaco Josef Breuer e Freud, em Viena, determinados mitos foram sendo desfeitos com o tempo, porque certas crenças ainda permaneciam caracterizando alguns estudos. Ou seja, crenças como a da energia emanada do hipnotizador e as teorias do “magnetismo animal” do mesmerismo; mas o mais importante é que ainda se sustentava a convicção de que eventos extraordinários e sobrenaturais eram recalcados, e a hipnose teria o poder de trazê-los à lembrança, ao consciente. Isso foi naturalmente inspirado nos conhecimentos da Psicologia e da Psicanálise (que fala em recalque de episódios traumáticos, por exemplo), tal como ocorre no plano da pseudociência.

Dito de outro modo, o uso de teorias e conceitos científicos na tentativa de referendar o que é exclusivo do terreno da crença, da fantasia e até da superstição. A hipnose foi um dos primeiros métodos terapêuticos utilizados por Freud após assistir a uma demonstração de Charcot⁴, em Paris. Porém, durante uma década colhendo êxitos e fracassos, embora não a reprovasse, Freud considerava-a uma técnica “analgésica”, limitada e insatisfatória para os seus propósitos; como não compreendia exatamente como funcionava e por reconhecer que não era um bom hipnotizador, afastou-se dela para dedicar-se ao estudo da Psicanálise:

(...) Depois minha resistência tomou a direção de uma revolta contra o fato de a sugestão, que tudo explicava, se furtar ela mesma à explicação. Eu repetia, com referência a ela, a velha adivinhação: Cristóvão carregou Cristo, Cristo carregou o mundo inteiro; diga, então, onde Cristóvão apoiou o pé? (Freud, 2011:31).

Claro que a época era outra e a hipnose, incipiente, dava seus primeiros passos, e haveria um longo caminho a percorrer. Mais tarde, hipnose e psicanálise se separam e a pesquisa da hipnose distancia-se do ambiente clínico e do *ethos* do sujeito. Apesar do divórcio, o olhar psicanalítico acompanha de perto os movimentos da hipnose em sua relação com as crenças pseudocientíficas, para as quais a religião é o ponto de amarração. Ou um refúgio, um esconderijo, para alguns estudiosos (o mesmo vale para as falsas ciências). Como e por que isso acontece?

Essa face do poliedro religioso é crucial e precisa ser cuidadosamente abordada, com sensibilidade, jamais negligenciada pelos

³ Adotamos a expressão hipnotista – *hypnos, istes* – adepto, praticante, e não hipnólogo – *hypnos, logos*, aquele que estuda sem exercer o ofício profissionalmente.

⁴ Jean-Martin Charcot (1825-1893), neurologista e psiquiatra francês, considerado um dos fundadores da moderna neurologia. Suas pesquisas com a hipnose visavam o tratamento da histeria.

hipnotistas, profissionais e pesquisadores no preâmbulo de uma hipnose regressiva. A preocupação procede com base nos trabalhos de três das grandes referências nesse campo. Ao longo do seu trabalho sobre a constituição psíquica do ser, o sociólogo e psicanalista alemão Erich Fromm (1956) entende que, se o homem abstrai da ilusão de um “ente protetor” em sua solidão no contraponto da exuberância do universo, ele se sentirá como uma *criança desamparada longe do abrigo paterno*. Nos mesmos ventos, Freud (2009) assevera que, para não capitular frente à dura realidade do mundo, o homem *regredir à infância para exercer o direito ao choro rogando uma nova chance* – a imortalidade. Cerrando fileiras com ambos, o escritor e antropólogo americano Ernest Becker (2008) afirma que a *necessidade de significância* é um fator estrutural antropológico diretamente ligado ao medo da morte. O tema da orfandade não se esgota aqui. Ao fim e ao cabo, o que se tem é uma criança perdida em corpo de adulto vendo seu castelo de areia desmanchar nas águas do tempo. Acrescente-se a esse quadro uma gama de sintomas cumulativos, como ansiedade, abandono, negação, depressão, paranoia, desorientação, angústia e medo. É por essa razão que aditamos este comentário inicial absolutamente essencial para o amplo entendimento da questão presente ao longo do artigo.

Pierre Janet (1859-1947), neurologista e psicólogo, colaborador de Charcot, foi um importante pesquisador dos fenômenos hipnóticos, criando o conceito do *abaissement du niveau mental* (diminuição do nível mental), utilizado por Jung para descrever um estado limítrofe em que a consciência de certos conteúdos inconscientes era iminente, que reconhecia ser um importante estado de condição prévia para a ocorrência de fenômenos psíquicos

espontâneos. Nesse sentido, Samuels chama a atenção para o fato de que “...muito embora seja normalmente um estado que ocorre involuntariamente (...) também pode ser conscientemente propiciado como fator preparatório para a *imaginação ativa* (Samuels, 1988:17) (grifo original).

Na esfera da nossa competência, o primeiro objeto de análise diz respeito às supostas “abduções” por seres extraordinários, os “alienígenas”, nas quais os atores dizem ter sido vítimas (invariavelmente durante o sono), submetidos a exames físicos e outros atos invasivos.⁵ Se o relato for coerente e minucioso, a “regressão de memória” ou hipnose regressiva confirmará que a técnica é segura *se narrador e hipnotizador adotam a crença de que extraterrestres são reais*, quando então a hipnose será altamente valorizada como método absolutamente garantidor da verdade. No entanto, sem o conhecimento básico necessário *desta* área (ufologia), dos padrões distintivos do comportamento humano em situações atípicas de forte tônus emocional como tais, e não tendo participação direta na investigação do caso, psicanalistas, médicos, psicólogos e psiquiatras tenderão a se convencer da veracidade dos fatos, endossando ingenuamente a ilusória realidade vivida pelo declarante. Quais seriam esses padrões distintivos? Pesquisas feitas no Reino Unido⁶ revelam que o perfil psicológico dos que alegam contatos e abduções apresenta sensíveis diferenças em comparação com os demais participantes do controle: níveis mais elevados de dissociação, encantamento, crença e experiência paranormal, tendência à alucinação e fantasia, maior suscetibilidade a falsas lembranças e paralisia do sono e “dons” paranormais autorreferidos. São dados significativos a serem computados.

Muitos desses profissionais, e os leigos

⁵ Não entraremos no mérito da questão, se alienígenas existem ou não, para manter a neutralidade da análise. O foco será sempre o valor da hipnose como técnica de investigação (N.AA.).

⁶ French, C.C. et al. “Psychological aspects of the alien

contact experience”. *Journal Devoted to the Study of the Nervous System and Behavior*. 44:10.1387-1395. 2008.

sem qualquer experiência em Psicologia, mas adeptos de uma concepção supersticiosa e arcaica da hipnose, operam de forma precipitada conforme suas opiniões – a doxa⁷ –, embebedas de pensamento mágico, em detrimento da lisura e respeito à pessoa. Não apenas estão inabilitados para lidar com o problema como, principalmente, colocam em risco a saúde física e psíquica do indivíduo, quando menos, causam constrangimento. Tais riscos estão documentados nos estudos de Breuer e Freud sobre a hipnose e técnicas similares nos casos de sintomas graves e complexos, buscando o tratamento de traumas e demais transtornos, inclusive psicóticos. É condenável que profissionais sem o amplo domínio das disciplinas envolvidas e sensibilidade para perceber a gravidade do momento assumam a prática terapêutica ausente dos princípios éticos elementares.

Uma breve e importante digressão. Entenda-se por “pensamento mágico” um amplo espectro de convicções movediças de molde metafísico, um complexo sinérgico de crenças biopsicossocioculturais, raiz da autoajuda. O pensamento mágico visa a fugir do enfrentamento da verdade da própria experiência interna e externa, criando, para isso, um estado mental no qual o sujeito acredita viver uma realidade. Nessa condição, dirá Freud, a realidade psíquica prevalece, obliterando a realidade externa, é a “onipotência do pensamento”. Para ele, a origem do pensamento mágico estaria em algum momento mítico da longa jornada evolutiva da humanidade, que cada ser tem que cumprir em sua história pessoal, enquanto que, para Frazer, é “uma imensa e desastrosa falácia, uma concepção errônea de associação de ideias” (Frazer, 1982, p. 72).

Em razão de vários fatores de natureza psíquica, a hipnose regressiva não passa de um modo pelo qual o narrador constrói en-

redos e associa fatos aleatórios, que exercem influência psicológica e emocional ao criar situações existentes apenas em sua capacidade mental, manifestando mecanismos como Condensação, Dramatização e outros que, de tão complexos, não iremos abordar, por isso sugerimos a bibliografia complementar ao final. Contudo, é interessante notar que, na Condensação, a psique assume, em um único roteiro, o encadeamento de diversos outros fatos, apresentando um sonho de “conteúdo manifesto”. Tais fatos são frequente e erroneamente interpretados como abduções.

Por outro lado, alguns estudiosos poderiam alegar que esses mecanismos, por estarem relacionados ao sonho, não deveriam ser usados para explicar supostos casos de abdução. O transe hipnótico não é sono propriamente dito, mas propicia o “mergulho” nas mesmas veredas da psique, e quando as “abduções” são narradas até mesmo sem o auxílio da hipnose, a correlação com o que se sabe em psicanálise e outras áreas é patente.

Os sonhos continuam sendo um dos mais misteriosos fenômenos da mente humana, e seguirão assim indefinidamente. Com toda a sua experiência, Jung, após décadas de intensos estudos, admitiu que jamais os compreenderia por completo. Estudos recentes das neurociências reforçam as fortes conexões entre sonhos, realidade e imaginário, que abrem novas perspectivas nos campos da Psicologia Comportamental, de total interesse para o nosso trabalho. Sumariamente, podemos elencar algumas dessas descobertas. Desde 2001 o neurocientista Patrick McNamara vem observando que as relações sociais afetam os sonhos. Suas pesquisas com 300 jovens estudantes indicaram que os solitários e inseguros sonhavam mais e com riqueza de detalhes e morbidez. Seus estudos associam também os sonhos com a *experiência religiosa* em função

⁷ Conjunto de juízos que uma sociedade elabora em um momento histórico específico, acreditando tratar-se de uma verdade óbvia ou evidência natural, mas que, para a Filo-

sofia, não passa de uma crença ingênua que só pode ser superada através do verdadeiro conhecimento.

da geografia cultural e condição social. Essa associação permeia este nosso trabalho.

Outro aspecto levantado por Gackenbach (2012), da *Grant MacEwan University*, do Canadá, é que as novas tecnologias (em especial o videogame, pela exigência de reações rápidas) parecem provocar mais sonhos lúcidos, e mais bizarros também. Um dado relevante é que os cientistas acreditam que uma das funções do sonho seja a de “solidificar” as lembranças de fatos vividos. Por fim, talvez a descoberta mais desconcertante (ratificada por Bion ao final) é que os sonhos são muito semelhantes aos estados de delírio dos esquizofrênicos. A partir de um ponto de vista diferente, isso significa que em cada sonho estamos imersos em um estado esquizofrênico, algo como “loucura particular noturna”. Em síntese, e aqui cumprimos com este tópico, um sonho, lúcido ou não, incorpora dados da realidade e do imaginário, configurando um mosaico complexo em que a hipnose pode não ser capaz de distinguir a verdade da fantasia subjacente de cada relato.

3 Lembranças no sentido literal

Quando sob hipnose, ou em oração ou concentração profundas, uma pessoa pode expressar um saber supostamente não adquirido, falar idiomas que jamais aprendeu e emitir mensagens que contrastam com seu nível intelectual. Nessas ocasiões, declaram contatar entidades imateriais – espíritos, mestres, seres de outras dimensões –, pregam sermões e discursos sobre temas fora do seu capital cultural e verbalizam frases em línguas que lhes são estranhas ou desconhecidas. Em outras palavras, entram em *transe mediúnico* ou em contato

com outros planos, apresentando fenômenos como prosopopese⁸, xenoglossia⁹ e glossolalia¹⁰, e ainda revivendo outras identidades de suas vidas pregressas.

Essas ocorrências seriam realmente lembranças? O problema está em onde elas residem, se na mente (leia-se cérebro) ou no espírito (leia-se consciência sobrevivente e independente do corpo físico). Sabe-se hoje que a memória consciente fica primeiro guardada no córtex pré-frontal, para depois ser convertida em memória de longo prazo no hipocampo e, ao final, depositada nas mesmas áreas do córtex que processaram a informação. Lembrança é formada por informações, experiências, ideias e imagens – o patrimônio da memória –, que já chegaram à consciência. O homem é um “museu dinâmico de imagens” passadas, produzidas e a produzir, preconiza Durand (2002), fruto do percurso antropológico num arco que vai do nível neurobiológico ao cultural, e esse capital “pensado” e sonhado possibilita entendermos a linha do tempo pretérito, presente e futuro. Assim, o real é transfigurado e remodelado de maneira a se encaixar na experiência pessoal de vida, conduzido por uma lógica interna própria para criar, traduzir, interpretar, reinventar ou *representar* o mundo mais afetivamente.

Nenhuma lembrança pode ser resgatada pela memória sem que tenha passado pelos sentidos físicos, pela percepção. Em outras palavras, os fatos vividos conscientemente são gravados no pré-consciente, e suas sensações permanecem no inconsciente, conforme a “Teoria Topográfica”¹¹ de Freud. Portanto, de modo pragmático, as manifestações são lembranças invariavelmente contidas no cérebro, na memória do corpo e, de acordo com

⁸ Prosopopese é uma espécie de mudança da “personalidade psicológica” espontânea ou provocada, no caso de pessoas que manifestam “dupla personalidade”.

⁹ Xenoglossia trata de supostas línguas estranhas, em que a pessoa exprime vocabulário, frases por vezes completas e raramente pensamentos inteiros. Caso de idiomas realmente existentes.

¹⁰ Glossolalia é a aparente língua estranha, que não passa de sons esparsos, misturados, fenômeno de caráter “histérico” que não constitui qualquer idioma, nem mesmo palavras ou frases.

¹¹ A Teoria Topográfica denominava três situações que são: Consciente, Sub ou Pré-consciente e o Inconsciente. Recomendamos o estudo sobre essa teoria e da Teoria Estrutural: Id, ego e superego.

pesquisas em curso, em diversos outros complexos celulares; como não se cogita corpo que não seja físico, os eventos anômalos mencionados são ações próprias da psique. É o que até agora se pode afirmar; entretanto, não se pode omitir que estudos não certificados por institutos de renome, não publicados e, portanto, ainda sem aval acadêmico, tenham mostrado que algumas pessoas revelam conhecimentos profundos para além do seu acervo cognitivo e informações organizadas sem domínio científico.

Na realidade, tais lembranças são constituídas por passagens rápidas a certos lugares, escuta de pessoas que se comunicam em idiomas incomuns ao meio e atenção despertada por cenas e situações específicas. Tudo permanece no subconsciente e, sob circunstâncias especiais, se manifesta com maior ou menor evidência. Até a sensação chamada *déjà-vu* pode assim ser entendida, vez que é uma aparente lembrança que provoca na pessoa a sensação de já ter visto ou vivenciado alguma cena desconhecida. A Parapsicologia adotou o termo “paramnésia”, uma disfunção da memória para coisas, pessoas ou fatos que nunca existiram. O *déjà-vu* comporta também razões de ordem puramente orgânica e/ou neurofisiológica.

É claro que existem recordações autênticas, mas elas também podem parecer anomalias de cunho psíquico, incomuns e surpreendentes, como já citado, no caso de alguém inculto que manifeste glossolalia, ou que expresse temas fora do seu alcance. Conquanto se constituam como lembranças propriamente ditas, por memória adquirida durante a vida, não servem como comprovação de vidas passadas ou interferência de “consciências externas”. No entanto, a mente, como se sabe, é capaz de criar eventos não vividos realmente, o que é fartamente demonstrado por diversas técnicas, como a hipnose.

A hipnose serve, quando muito, para de-

monstrar a sinceridade da exposição que, para a pessoa, subjetivamente, foi real, desde que devidamente hipnotizada, que vai de um simples relaxamento a um estado semelhante ao sono profundo do tipo REM¹². Compete ao hipnotizador aplicar os devidos testes para se certificar de que o processo cumpre todas as etapas. Ainda que o hipnotizado simule estar sob hipnose para confirmar o relato feito em estado vígil, um hipnotista experiente e responsável não se deixará enganar. É preciso considerar as sutilezas do caráter humano em toda a sua extensão, em particular no que concerne à honestidade, à vaidade e à angústia do próprio existir, como “abduzido” ou “intermediário” do mundo “espiritual”, porque as razões para o fingimento, a fabulação e a enenação são inúmeras.

É importante destacar também que um relato sincero, ainda que sem qualquer indício de realidade concreta não é, necessariamente, uma mentira, não tem finalidade de fraude, porque sua realidade é uma verdade que não se consegue sustentar por ser uma “verdade mentirosa”, como diria Lacan. A hipnose vem sendo desenvolvida nas últimas décadas como ferramenta de aprimoramento da sensibilidade e, ao mesmo tempo, melhoria da concentração do sujeito em suas recordações. No campo jurídico, em alguns países, ela é usada para identificar a autoria de crimes e localização do sítio. Apesar dos cuidados inerentes ao uso, há um viés temerário que tem sido objeto de atenção dos especialistas da área médica e de Saúde Mental, precisamente o fulcro deste trabalho.

A mente humana não apenas elabora e inventa situações as mais diversas, como as associa a pessoas que podem não ter qualquer relação. Para Vidolin (2003), a hipnose é utilizada na Medicina Legal com sucesso, principalmente porque permite que o sujeito, durante seu depoimento sob transe, narre o fato dissociado do seu conteúdo emocional, rele-

¹² *Rapid eye movement* – movimento rápido dos olhos, fase do sono na qual os sonhos são mais vívidos.

vante para o processo. O depoente não revive o sofrimento desnecessariamente, o que permite maior precisão do relato. O autor afirma que, durante o transe, é possível recuperar detalhes, coerente com a capacidade do procedimento de permitir apurar melhor o suposto fato. Isso, entretanto, não elimina a possibilidade de um hipnotizado montar seu relato enriquecendo-o com sutilezas fora da realidade.

Por outro lado, as implicações legais do uso da hipnose são numerosas e impeditivas à sua prática. Sem entrarmos nos meandros da questão, pode-se relacionar alguns pontos que são, inclusive, contrários à Constituição Federal: ausência de total liberdade das declarações, uma vez que o sujeito está psicológica e fisicamente sob efeito da técnica; o testemunho é prestado fora das condições normais, já que a hipnose implica estado alterado de consciência; possibilidade de o sujeito inventar, criar, expor – quase similar ao sonho – fatos, cenas e pessoas; o sujeito ser interrogado sempre através do hipnotizador, mesmo que em presença ou audiência de terceiros como juízes, promotores, advogados ou outras autoridades qualificadas.

4 Mitos perenes da hipnose

A hipnose também carrega seus mitos, que, como tais, são perenes. Ela acompanha a evolução científica produzida pelos profissionais e institutos competentes, mas, apesar disso, os mitos, as “lendas”, o folclore e os erros sobre ela permanecem, fazendo com que muitos sigam acreditando que o que não seja percebido pelos sentidos possa ser decalcado nos recônditos da mente. É um crasso engano. Disso resulta a hiper valorização da hipnose, imaginando que ela seja capaz de fazer aflorar pormenores que, em estado desperto de consciência, não seriam recuperados de suas memórias. E, mesmo fatos que tenham sido observados, ou afetado os sentidos, podem não ter sido apreendidos. “Perceber” é notar, registrar, ainda que por um átimo ter a atenção

despertada por qualquer um dos sentidos, em especial visão, audição e tato.

Um experimento realizado por pesquisadores para verificar o rigor da percepção foi a contagem dos postes de luz existentes em um dado itinerário cumprido pelo hipnotizado, por exemplo, entre sua residência e o trabalho, por ser um trajeto habitual. Não há um registro seguro discutido pela Academia que demonstre resultados positivos porque, quando o teste é aplicado a um indivíduo desinteressado, a memória não retém a informação. Essa é uma situação bastante comum, pois certos objetos, cenas e pessoas habitualmente vistos não têm o condão de chamar nossa atenção. Vidolin acrescenta:

Argumenta-se que a habilidade do paciente fantasiar em hipnose está ampliada, e que é possível, com sugestões vagas e incompletas, levar estes mesmos pacientes a experimentar vidas cheias de sentimentos e detalhes, nas condições, lugares e épocas em que o hipnotizador sugerir. Estes colegas interpretam esses relatos como sonhos cujo conteúdo deve ser analisado e utilizado na terapia, mas não como prova da existência de reencarnação. A própria elaboração dessas estórias poderia trazer benefício, como em reorganizar e entender sentimentos, trazer à tona material inconsciente ou apontar soluções (Vidolin, 2003:67).

Se admitirmos que a hipnose possa ser útil como técnica terapêutica – o que não é incorporado pela ortodoxia da psicanálise freudiana –, isso não quer dizer que sirva à comprovação de uma realidade objetiva. Ao contrário, pode servir de construção de histórias fictícias, fantasiosas, talvez delirantes, o que se evidencia através de testes de transes até leves, como a provocação de alucinações através de indução hipnótica ou pós-hipnótica, experiências em que o indivíduo é levado a ver coisas que

não são reais e, ao revés, deixar de ver o que de fato existe.

5 Relatos em transe e sonhos: semelhanças

A semelhança entre o relato sob hipnose e o sonho está em que o sujeito experimenta e expõe verbalmente possuir características de sonho, e se este é de grande valia na análise psicanalítica, o é também para avaliar a experiências de abdução. O mito de que a hipnose traz invariavelmente à superfície uma experiência real objetiva é obliterado pela plena probabilidade de se tratar de mera elaboração do sujeito, ainda que detalhada e complexa. Souza (2021) ressalta que o sonho não passa de conteúdos inconscientes trazidos ao consciente, daí a surpresa dos pesquisadores quando o sujeito alega “não se lembrar conscientemente” da sua experiência de abdução, mas que vem à lembrança através da hipnose. Nessas circunstâncias, consideram (erroneamente) como “prova” que o fato tenha sido real. Os sonhos são um fenômeno regressivo por excelência, afirma Souza, citando Silva e Sanches¹³. Todo sonho – e, portanto, aqui se insere uma experiência psíquica de abdução – precisa ser interpretado para que lhe seja conferido um sentido, referindo a Ferza, e o texto é muito significativo:

Segundo Martins (2003)¹⁴, a linguagem dos sonhos possui suas particularidades que, ao longo dos séculos, mostra-se como um grupo de eventos comuns de uma época radicados na vivência dos povos. Possibilitou, ainda, um aprofundamento dos níveis mais ocultos da mente, tornando possível a abordagem de vari-

ados sintomas, produtos de um ambiente capaz de oprimir e colocar em risco valores naturais de cada ser. Sonhar é mais do que um simples produto do dia a dia, é revelar-se diante do enigma invisível, mas possível de compreensão (Freza, 2021:1).

O basilar pensamento de Freud sofreu notável ampliação e atualmente tem-se que os sonhos são manifestações do inconsciente em suas especificidades, o que se reflete durante o sono (e também no transe hipnótico profundo), como o que se conhece por “Elaboração Onírica”. Sendo ou não um sonho vívido em razão de uma construção onírica, ele tem um enredo intrincado que disfarça desejos, notadamente pelos conceitos freudianos clássicos. Isso pode ocasionar os “sonhos de terror”, em razão da censura íntima da psique em situações criadas pelos mecanismos internos – Condensação e Dramatização. Nesse sentido, é lícito supor que a psique, tomada de crenças e fraquezas do sujeito e pelo cenário de alta tecnologia, elabore com facilidade histórias de viagens espaciais, naves, alienígenas, abduções e todo um pacote ficcional. Vale destacar que tais construções estão impressas na memória da civilização, portanto, o narrador dessas experiências não precisa necessariamente adotar tais crenças, elas afloram por contágio. É importante compreender que há, nessas experiências de caráter psíquico, como nos sonhos, o Conteúdo Manifesto e o Conteúdo Latente¹⁵, conceitos básicos que podem ser buscados nos compêndios de psicanálise. Temos, assim, um outro mito da hipnose esclarecido de forma resumida: o que possa parecer estranho, por vezes coincidente com o espírito da época, mesmo para alguém de pouca informação e cultura, é o que a psique do sujeito hip-

¹³ Silva, E. A., Sanches; J. A. R. “Os Sonhos como manifestação de desejos inconscientes, 2011. Disponível em: <http://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/os-sonhos-como-manifestacao-de-desejos-inconscientes>.

¹⁴ Martins, G. A. “A interpretação dos sonhos na compreen-

são do universo mítico do homem, 2003. Disponível em: www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.ph.

¹⁵ Em linhas gerais, Conteúdo Manifesto é o que o paciente narra, enquanto Conteúdo Latente é o que verdadeiramente alimenta o sonho, de natureza psicológica, que o analista busca descobrir.

notizado apresenta, sempre de *sua* realidade subjetiva.

Cumpra salientar que, quanto ao sono, não há dissenso entre os estudiosos no sentido de que é essencial para a saúde, tanto quanto o descanso. Já quanto aos sonhos, muitos não seguem a linha freudiana de que os sonhos estejam necessariamente ligados aos aspectos afetivos, a eventos traumáticos e a tantos outros de fonte emocional e neurológica. Para os não freudianos, o sonho é uma forma de reorganização do cérebro, que se reprograma e descarta lembranças inservíveis, o que certamente difere dos efeitos nefastos de um trauma ou situações emocionais impactantes. Gardner cita o médico francês Michel Jouvet¹⁶ como um dos adeptos desse entendimento quanto à função do sonho, ao referir “sono paradoxal” – não sabemos porque sonhamos, e mesmo aqueles privados do sono REM não sofrem efeitos adversos.

Com relação ao “sonho de terror” mencionado acima, tratado usualmente por “terror noturno”, também há divergência entre os pesquisadores quanto ao nível do sono em que ele pode ocorrer. A hipnose, sem dúvida – e nos perdoe pela insistência, o transe hipnótico não é igual ao sono – parece transitar entre os vários níveis de sono, podendo, assim, provocar a manifestação de um drama similar ou mesmo com as características de uma abdução. Sabe-se que o sonhador, durante o “terror noturno”, agita-se, grita, apresenta várias reações e alterações físicas de temperatura, pressão, ritmo cardíaco, sudorese, espasmos e tremores, tudo como se realmente estivesse vivendo o fato que o assusta.

Não obstante o transe hipnótico seja idêntico ao sono no que diz respeito aos sonhos, tudo o que o hipnotizado expõe está presente nos sonhos, com a diferença que, durante a hipnose, ele se comporta como que transitando aleatoriamente pelos níveis de sono, de forma randômica. Isso é evidente quando ele

fala sem “acordar”, gesticula, tem reações orgânicas como as acima mencionadas, ou, ao contrário, fica paralisado, membros enrijecidos, ritmo respiratório em queda considerável, a temperatura chega ao nível de isquemia¹⁷, declínio ou aumento severos do ritmo cardíaco. Debates à parte, se Freud tinha razão quanto à quase totalidade de seu pensamento sobre os sonhos, também durante a hipnose os impulsos do inconsciente do hipnotizado podem ser observados.

É possível que o “terror noturno” seja efeito da ação do inconsciente agindo com os pensamentos reprimidos. A repressão é, grosso modo, tudo o que o indivíduo mantém longe de seu reviver, de suas lembranças claras, para evitar a perturbação ou o transtorno que elas podem provocar. Assim, a natureza original do sonho é deturpada, desmontada pelas repressões, conforme afirma Silva. É de se indagar se também durante a hipnose tal processo interferiria na realidade do suposto abduzido, e a resposta é sim. Entretanto, a imersão no universo dos sonhos é tarefa extremamente complexa, ainda mais quando envolve relatos de abdução. É sensato que aqui sejam apenas sugeridos dois pontos para futura pesquisa dos interessados, mesmo que não sejam citados autores específicos em Psicanálise, Psicologia e Neurociências. Durante os sonhos de terror noturno, a pessoa grita a quem dorme ao lado, enquanto o abduzido costuma afirmar que, apesar da visita inopinada e estranha, tenta pedir ajuda a quem dorme ao lado, em vão. Gardner se refere ao escritor americano Tom Wolfe que, em seu livro “*In Our Time*”, chama a atenção para modernos estudos dos sonhos que, desde 1970, diferem totalmente das teorias freudianas.

A nova fronteira da moda era o estudo clínico do sistema nervoso central, uma tentativa de mapear precisamente como são as ligações neuronais para medo, desejo sexual,

¹⁶ *The Paradox of Sleep: The story of dreaming*. MIT Press. 2001. ¹⁷ Obstrução do fluxo sanguíneo.

fome, aborrecimento ou qualquer outro evento neurológico ou mental” (Wolfe, *apud* Gardner, 2002:139).

Conhecendo tais processos desenvolvidos no cérebro, é razoável supor que um neurologista entenda as razões puramente orgânicas para a elaboração psíquica de uma abdução, o que afasta ainda mais a “hipótese extraterrestre” de tais casos, mesmo que não se possa detectar quais fatores estritamente emocionais ou outros possam influenciar no enredo de um drama de abdução. Essa pode ser uma resposta aos que questionam como é possível a um sujeito que não tenha o menor interesse no assunto, de repente, narrar uma rica história de abdução.

Cabe esclarecer, sobre Dramatização, que trata da relação direta da psique com as representações teatrais. Segundo Andrade, “No sonho, transformamos ideias em imagens, e construímos com elas uma situação. A criatividade dramática no trabalho do sonho, como no brincar da criança, é produtiva e abre novas perspectivas” (2012:1). Por inferência, a “regressão de idade” consiste em prospectar os fatores endopsíquicos que constroem os fatos narrados, em especial a influência de eventuais traumas. A regressão pode trazer circunstâncias disfarçadas pelos mecanismos citados, revestidas da influência da época, gerando, por exemplo, no caso da nossa análise, a presença de *aliens* na trama. O problema desse método é um inconveniente interpretativo, que ocorre em certas linhas de conduta, quando o investigador busca descobrir detalhes de uma abdução que julga legítima. É o viés de confirmação, produzido por ele próprio em seu afã de comprovar o caso e suas crenças, projetando-o no hipnotizado. Desse modo, no fundo, é o pesquisador quem constrói a história, uma interação que não passa de um *rapport*¹⁸ entre hipnotizador e hipnotizado, relação bem co-

nhecida em psicanálise, em que podem ocorrer as situações de transferência¹⁹ ou de resistência. No caso do relato de abdução influenciado pela crença do pesquisador, essa relação não apenas transforma como deforma completamente uma realidade interior buscada no sujeito, finalidade última da Psicanálise. Pode-se dizer, pois, que seja um momento em que uma pseudociência se utiliza de uma técnica (ainda que não propriamente incorporada aos sistemas científicos da saúde psíquica) como certificadora de seus objetivos. Da mesma forma, a hipnose regressiva serve aos postulados religiosos de certas correntes, conforme sublinha Mendonça Jr.: “Regressão de memória é o processo provocado ou espontâneo, por meio do qual o espírito encarnado ou desencarnado fica em condições de relembrar o passado, da vida atual ou em existências anteriores, sejam elas recentes ou remotas” (2008).

Deduz-se também que, para psicanalistas que aplicam a hipnose, o passado psíquico do indivíduo gera a situação psíquica atual. Para os que adotam a crença na reencarnação, esse passado ocorreu em vidas anteriores. Nesse último caso, pode-se concluir também que se admite memória ou lembrança sem um cérebro – ou, teoricamente, sem células – que a retenha, tratando as lembranças como registros que sobrevivem às múltiplas estadas do espírito no mundo que habita em um outro “plano”. Memória e lembrança sem corpo, portanto, são algumas das razões pelas quais tal assunto se inclui no presente artigo.

Não há como evitar a mistura de instâncias de raciocínio e exemplificação sem que, nesse ponto, se pense também na chamada EQM – Experiência-de-quase-morte –, principalmente em razão das sensações narradas, que têm notável similaridade com os relatos de abdução e os sonhos, onde se encaixam à perfeição os chamados “sonhos lúcidos”.

¹⁸ *Rapport* (fr. *rapporter*, criar relação), em linhas gerais, são técnicas de interação e empatia entre analista e analisante.

¹⁹ Sobre Transferência e Resistência, v. referência Roudinesco & Plon, pp. 766 e 659.

A EQM encontra explicações nos fundamentos dos sonhos lúcidos, que são considerados aqueles em que a pessoa não se engana quanto à realidade vivida, pois está tendo ciência de que se trata de um sonho e por vezes até o controla, chamados também de “sonhos-fora-do-corpo”. Podemos imaginar o quanto desses sonhos permanecem na memória, sendo potencial gerador de falsas lembranças.

Dilettantes de pseudociência, ou cientistas alinhados com a realidade externa de uma abdução ou da dualidade corpo-espírito, costumam usar as “coincidências” das declarações sob hipnose como evidências do que acreditam. Se as pessoas relatam sensações, situações e cenas idênticas, então é certa a probabilidade de estarem contando sobre algo real. No entanto, esse argumento não é defensável, ao contrário, pois os sinais e sintomas mostrados pelo indivíduo, principalmente pelo seu mundo psíquico, *são praticamente padronizados*, no sentido de ocorrerem com características bem claras, entre elas, o famoso “túnel de luz” observado por aqueles que estiveram no limiar da morte, ou em momentos de queda acentuada de atividade cerebral. E as ações se repetem: eles observam-se a si mesmos – fora do corpo –, do alto, deitados nas macas hospitalares ou em seus leitos, deslocando-se em “espírito”.

Outras sensações, como levitação, acompanham esses momentos, e os pacientes começam a ver pessoas que não se encontram no recinto. É interessante acrescentar que em muitas dessas visões de pessoas ausentes incluem-se mortos, o que é sintomático. As neurociências estão se ocupando desses episódios, o que demonstra maior interesse dos meios científicos para com fenômenos hoje classificados de anômalos, ainda que nada do que possam concluir corrobore as crenças místico-religiosas de algumas correntes, em oposição ao que elas próprias afirmam. Aqueles que são assumidamente adeptos acreditam que o fato de cien-

tistas e institutos idôneos ocuparem-se desses estudos “prova” a realidade do objeto de suas convicções.

São vários os exemplos e podemos apenas mencionar, no campo da ufologia, para maior clareza deste artigo, Carl Sagan, da *Cornell University*, divulgador da Ciência e ícone da astronomia contemporânea. Sagan produziu, na década de 1980, a série televisiva de grande sucesso “Cosmos”, na qual foram apresentadas ilações e proposições teóricas sobre a viabilidade de vida extraterrestre – Astrobiologia – de que Sagan foi a maior autoridade. Por essa razão, ufólogos do mundo inteiro incensaram-no como um “bravo defensor” de suas teses, sem se dar conta de que, na verdade, ele foi um arauto do ceticismo e ferrenho opositor dos postulados da ufologia e da parapsicologia, representante de uma linha contrária à pseudociência, termo que ele próprio forjou para categorizar estas práticas.

Na EQM ocorre uma certa confusão com os *estados alterados de consciência*. Esses quadros fazem com que o estado REM supere o estado de vigília, ou não-REM, e cause as visões e sensações descritas. É que esses “estados” do sono são, em linguagem clara, o de plena consciência ou vigília, quando estamos acordados e em atividade; o de semiconsciência, que é o sono leve; e os estados intermediários, de duração mínima – hipnagógico e hipnopômico²⁰. Quando o cérebro produz, por razões diversas, alterações e invasões desses níveis, efeitos psíquicos acontecem, como visões de cenas, pessoas e “luzes”. Todavia, para que isso ocorra, precisa haver gatilhos orgânicos, como parada cardíaca, ou o fluxo sanguíneo cerebral decai sensivelmente, ou desmaios, com alterações da pressão arterial e do metabolismo como um todo. Genesreti, citando o neurologista Kevin Nelson²¹, especializado nesses estudos, tem uma explicação para as visões de luzes e a sensação de levitar nos casos de EQM:

²⁰ Estados de entorpecimento que antecedem o sono e o despertar, respectivamente. ²¹ Kevin Nelson, *The Spiritual Doorway in the Brain*. Penguin, 2011.

Se o fluxo sanguíneo está diminuindo na região da cabeça, diminui também nos olhos, deixando a visão borrada nas bordas e criando a impressão de que há um túnel com luzes. Já quanto às experiências extracorpóreas, sabe-se que ao ‘desligar’ a região temporoparietal do cérebro, ligada à percepção espacial, podemos tirar a pessoa do seu corpo. Essa é a mesma área do cérebro que é ‘desligada’ durante o REM (Nelson, *in* Genestreti, 2011).

Nelson fala também sobre as alucinações, esclarecendo que, quando entramos no estágio REM, o cérebro ativa os mesmos mecanismos dos sonhos lúcidos, porém, o processo é diferente nas alucinações de quase-morte, porque acontecem quando estamos conscientes.

6 Abusos e outros traumas

Estudos e pesquisas ao redor do mundo demonstram que, inequivocamente, traumas de toda sorte provocam alterações psíquicas em vários níveis e recalques de lembranças dolorosas, mas não é regra geral, pois outros fatores participam do processo. Ou seja, nem sempre os eventos geradores de sintomas ou de lembranças realmente aconteceram. Elizabeth Loftus, da UCL – *University College London*, reconhecida como a mais influente psicóloga do século 20, de acordo com a *Review of General Psychology* –, considera possível uma pessoa implantar falsa memória em outra, principalmente entre familiares: “De fato, apenas afirmar ter visto uma pessoa fazendo algo errado já é suficiente para conduzi-la a uma falsa confissão” (2014:6). Sempre que alguém é levado a crer ter cometido um ilícito, até por pressão psicológica e emocional em um ambiente por si intimidador como o policial, a confissão do ato se consuma mesmo que a acusação seja inverídica. Prossegue a autora: “Estas descobertas mostram que uma falsa evidência incriminante pode levar as pessoas a assumirem a culpa por um crime que

não cometeram, e até mesmo a desenvolver recordações para apoiar os seus sentimentos de culpa” (2014:7). Julia Shaw, da *UCL Psychology & Language Sciences*, que coordena um estudo de amplo espectro sobre memória e psicologia criminal, acrescenta:

Todos pensam que não podem ser enganados e acreditar que fizeram algo que nunca fizeram, e que se alguém lhes contasse sobre uma memória falsa, eles seriam capazes de identificá-lo. Mas, descobrimos que, na verdade, as pessoas tendem a ser bastante suscetíveis a ter memórias falsas, e elas soam como reais (2020:2).

O dado relevante da dinâmica de formação de falsas recordações é a combinação de lembranças reais com irreais. Estas têm origem em *sugestões* vindas de terceiros, o que atesta uma das premissas que nos conduziu neste trabalho – a falta de evidências de uma realidade objetiva nos casos de abdução. Loftus esclarece (grifo nosso): “Durante o processo, os indivíduos podem esquecer a fonte da informação. *Este é um exemplo clássico de confusão sobre a sua origem, na qual o conteúdo e a proveniência estão dissociados*” (Loftus, 2014:7).

Uma de nossas investigações sobre um caso de suposta abdução forneceu notáveis detalhes obtidos através da hipnose. Descobriu-se que havia um relato anterior de outra pessoa do círculo do entrevistado que se dizia “abduzida”, descrevendo as mesmas particularidades e circunstâncias. Nossa percepção é a de que não houve intenção de troça ou má-fé, apenas uma confusão de natureza psíquica. Nesse sentido, uma equipe de cientistas descobriu que as falsas recordações se formam por vias diversas, sendo uma de terceiros, em ambientes sem qualquer relação com o relato foco do estudo. Essa constatação se deu em experimentos que tinham um objetivo ini-

cial diferente²², mas que acabou despertando a atenção dos pesquisadores pelo caráter surpreendente: “Nós ficamos estupefatos”, declara Gerald Echterhoff, da *Jacobs University Bremen*, da Alemanha, citado por Chiodo. Echterhoff declarou que “É bom ter uma dúvida ou um ceticismo bem informado sobre o desempenho da sua memória, de forma que você não acredite facilmente em tudo o que vem à sua mente como se fosse algo verdadeiro e certo” (*Id.*). Como sabiamente escreveu Eduardo Galeano, “A memória sabe mais de mim do que eu mesmo”.²³

Loftus ressalta enfaticamente que o fato de se poder implantar falsas recordações não implica dizer que todas elas, surgidas após um processo voluntário (ou não), possam ser necessariamente falsas, e não desmente recordações advindas de traumas recorrentes: “Sem corroboração, há muito pouco que possa ser feito para ajudar até mesmo o mais experiente observador a diferenciar as verdadeiras recordações daquelas que foram sugestivamente implantadas” (2014:1). Podemos inferir que fatores complicadores estão presentes, portanto, *a existência de falsas lembranças invalida uma desejada evidência de abdução ou de fenômenos ditos paranormais*. Podemos ainda relacionar a esses supostos casos os do tipo “abusos satânicos”, que o Departamento Britânico de Saúde, em relatório de 1994, deu por não provados, explicando-os da seguinte maneira, conforme esclarece Sagan:

A campanha cristã evangélica contra os novos movimentos religiosos tem sido uma influência poderosa que estimula a identificação do abuso satânico. Importância igual, se não maior, para a divulgação da ideia de abuso satânico na Grã Bretanha, têm os “especialistas” norte-americanos e britânicos. Podem ter pouca ou ne-

nhuma qualificação como profissionais, mas atribuem suas habilidades à “experiência de casos” (1997:145).

Sagan entende que parece haver uma credulidade marcante disseminada nos meios policial e judicial a respeito dessas práticas ritualísticas, crença essa que influencia as investigações e até as conclusões que não correspondem à realidade. A diversidade de crenças místico-religiosas entre agentes públicos pode gerar desconfiança e aceitação de cultos demoníacos de diversas vertentes. Ele alerta ainda que falsas lembranças podem ser geradas por interrogatórios repetitivos e interferência do experimentador. Rituais, atividades mediúnicas, como canalizações, magia, crenças, boatos populares, astrologia, entre outras, estão inscritas nessas outras vertentes.

No paroxismo dos devaneios populares, há o pensamento que aponta as abduções como sintomas remanescentes de abusos sexuais na infância, que são realocados e adaptados como lembranças do presente. Tais lembranças, reelaboradas e atualizadas, são chamadas de “reelaboração retrospectiva”. De qualquer modo, as abduções parecem ser construídas em razão de “...altos níveis de sugestionabilidade, capacidade imaginativa, sensibilidade a dicas e expectativas, e o elemento de contágio”, segundo relata Fred Frankel, professor de Psiquiatria da *Harvard Medical School*, entrevistado por Sagan (Sagan, 1977:145).

Nesse mesmo diapasão, Gardner (2002: 205) comenta que professores e pais sofreram condenações e perderam cargos e carreiras com base em falsas lembranças perpetradas por terapeutas irresponsáveis. Também Dawkins (2007:403) valoriza o trabalho de Loftus, alertando para o fato de que as vítimas suggestionadas por clínicos, investigadores e outros profissionais apresentam falsas lembranças

²² Kerri Chiodo, “Ver alguém fazendo algo é suficiente para criar falsas memórias”. Disponível em www.diariodasauda.com.br/news.php?article=falsas-memorias&id=5761 acessado em 26/06/2021.

²³ *Dias e Noites de Amor e de Guerra*. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre. L&PM. 2001.

ças que, para elas, são tão reais quanto as verdadeiras, o que também acontece com as próprias testemunhas. Dawkins destaca: “Trata-se de uma coisa tão contra-intuitiva que os juris são facilmente influenciados pelo depoimento sincero, mas falsos, das testemunhas” (Dawkins, 2007:324).

7 A intervenção do pesquisador

Loftus defende a tese e se apoia em experimentos de uma “reestruturação mnemônica dirigida”, e isto serve à implantação de lembranças falsas tanto durante a regressão de idade quanto para outros processos. Para encorajar a recriação de experiências de infância em pacientes, a maioria dos participantes era permeável a esses tipos de implantação de memória, quando passaram a relatar recordações do seu tempo de criança. Portanto, até em não hipnotizados essas lembranças podem ser implantadas, independentemente de seu grau de senso crítico. Por exemplo, são recorrentes perguntas como “foi isto o que você viu?”, ou “o objeto se parecia com um vagão de trem?”, exibindo desenhos e fotografias no intuito de ajudar o sujeito com dificuldade de lembrar. Contudo, na verdade, induzem e conduzem o depoimento na direção desejada: é o uso de palavras associadas – sistema DRM (Deese-Roediger-McDermott)²⁴, contrariando o que se espera de uma investigação isenta. Para demonstrar a influência – e poderíamos dizer interferência – de palavras na reconstrução de lembranças, Kirkpatrick, um dos pioneiros e referência nos estudos sobre a memória, fez os primeiros trabalhos experimentais com palavras associadas a itens previamente apresentados:

Houve alguns casos incidentais de evocações falsas. Cerca de uma se-

mana antes (...) eu tinha pronunciado aos alunos dez palavras comuns (...) Mais uma vez, parece que quando palavras como “rolo”, “dedal” e “faca” foram pronunciadas, muitos alunos pensaram em “fio”, “agulha” e “garfo”, que são tão frequentemente associadas com elas. Esta é uma excelente ilustração de como coisas sugeridas a uma pessoa durante uma experiência podem ser reportadas honestamente por essa pessoa como parte dessa experiência (Kirkpatrick, 1894:608).

No exemplo dado, “vagão” e “trem” podem levar à descrição de formas assemelhadas e fazer brotar lembranças pessoais que remetam a quadros emocionais que influenciarão o relato, onde pode ocorrer uma das duas (ou ambas) situações: *Omissão* (esquecimento) e *Comissão* (lembrança distorcida ou fato nunca havido). Se o hipnotista for persuasivo para incutir fatos irreais com boas doses de realismo, a falsa lembrança irrompe sem qualquer alteração no estado de consciência do indivíduo. Nossa memória, “vigiarista” que é, prega peças, inventa histórias que não vivemos realmente, podendo ser herança de outros ou uma espécie de “reconfiguração” da mente, valendo-se de plágio, autoplágio e criptomnésia²⁵, um “plágio” inconsciente. Criptomnésia, esclareça-se, se dá quando esquecermos onde lemos, vimos ou ouvimos algo, esperando que a memória construa a lembrança, o que é contumaz principalmente em trabalhos intelectuais, mas de que ninguém está livre seja qual for a atividade. Esclarece o neurocientista Oliver Sacks:

Existe uma sobreposição considerável entre essa definição [plágio] e a

²⁴ Procedimento usado em Psicologia Cognitiva para estudar a falsa memória; sigla formada pelos sobrenomes de James Deese, Henry Roediger e Kathleen McDermott, desenvolvedores do método.

²⁵ Do grego *kryptós* + *mnesis* – memória oculta ou ancestral,

uma divisão da pantomnésia – a memória total do sujeito. São lembranças subliminares, arquivadas no inconsciente, que irrompem durante fenômenos paranormais, como visões mediúnicas, ou provocadas por hipnose. Dorsch, F. *et al.* mu. Petrópolis. Vozes. 2001.

de “criptomnésia”. A diferença essencial é que o plágio, conforme é comumente entendido e reprovado, é consciente e intencional, enquanto a criptomnésia não é nem uma coisa nem outra. Talvez o termo “criptomnésia” precise ser mais bem conhecido, pois, embora possamos falar em “plágio inconsciente”, a própria palavra “plágio” é tão moralmente carregada, tão sugestiva de delito e logro que conserva seu tom repreensível, mesmo que seja “inconsciente” (...) Esse tipo de esquecimento talvez seja necessário para uma criptomnésia criativa ou saudável, que permita que pensamentos velhos sejam reunidos, retranscritos, recategorizados e imbuídos de novos significados.²⁶

Vocabulário, prosódia, habilidade para detectar propensões, convicções, carências, desejos e imaginário são elementos decisivos para o relato, teoricamente passível de ser manipulado. Testemunhamos ser um recurso frequente, muito mais um método sugestivo, um modo de intervir e compelir alguém a um ato ou a uma declaração à sua revelia. Reiteramos, ainda, que não se trata, em absoluto, de “energia” ou “fluido” que sai do hipnotizador, e sim a sua capacidade retórica de convencer, suggestionar e conduzir o depoimento na direção desejada. A hipnose requer, acima de tudo, condução ética no uso da técnica, conhecimento sólido dos procedimentos em todas as etapas, saberes essenciais em Psicologia, Saúde Mental, Neurociências, percepção clara das circunstâncias que envolvem o caso e segurança de que seja realmente necessária para êxito dos resultados. Lembramos que ética é o item primeiro na hierarquia de valores que deve reger o cidadão e a sociedade, ética da

responsabilidade prevalecendo sempre sobre a ética da convicção.

A regressão de memória leva naturalmente o paciente a épocas anteriores da sua vida, onde recordações marcantes e eventualmente traumáticas podem emergir em certas passagens que, se o exame não for levado em bom termo, pode causar danos psicológicos e/ou emocionais irreparáveis. O contrário também é verdadeiro, quando a psique bloqueia o reviver de fatos indesejados que jazem adormecidos e que, se vierem a lume, podem reabrir feridas que não mais fecharão. Em sua clínica, Jung, que era simpático ao uso da hipnose, teve momentos incômodos que lhe trouxeram o temor de que a técnica, em certas situações, poderia fazer surgir alguma psicose latente. Tal como Freud, ele distanciou-se dela temporariamente porque, como pesquisador, não poderia valer-se das vantagens indiretas da hipnose para não prejudicar seu entendimento sobre os fenômenos do inconsciente, já que desejava “lutar aberta e diretamente com as forças básicas da psique” (Jung, 1989:256). Em outra obra, declarou: “Quando comecei a trabalhar em minha clínica particular, utilizei a hipnose, mas logo a abandonei por sentir que com ela se tateia na obscuridade. É impossível saber quanto tempo dura um progresso ou uma cura, e eu sentia sempre resistência em agir sem certeza (Jung, 1963:112).

Dito de outro modo, para Jung, a hipnose nos faz caminhar no escuro, onde um erro pode invalidar todo um procedimento investigativo ou terapêutico. Jung e Freud não viam com simpatia a hipnose como terapia “de sugestão”. A mente humana é um labirinto enigmático e fascinante que não admite incertezas e lacunas em seu funcionamento, e ao se ver instada a ocupar esses vazios (sob hipnose ou não) com material não original, isto é, eventos não autenticamente vividos, ela o fará com elementos alheios à sua realidade objetiva, in-

²⁶ “Quando as lembranças nos pregam peças”, <https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/05/1284622-quando-as-l>

embrancas-nos-pregam-pecas.shtml acessado em 15/07/2021.

ventando ou “importando-os” de outras orbes para preencher as páginas em branco. O hipnotista *não pode* assumir essa “escrita” com impurezas semânticas a fim de capitalizar suas crenças porque, se a fé cria o seu próprio objeto de devoção, ele se torna impedido de atuar no caso.

Entrando no terceiro e último terreno da nossa análise, parapsicólogos especializados na chamada TVP – Terapia de Vidas Passadas – se concentram em encontrar, nas vidas anteriores de seus pacientes, razões que justifiquem ou elucidem as angústias, traumas e fobias da vida presente. É importante frisar que, se terapeuta e paciente creem em reencarnação, o caminho está facilitado para o método se sacramentar como seguro; deve-se observar que a cultura religiosa brasileira está banhada em misticismo e carrega pesada influência de quase dois séculos da doutrina espírita, de alcance popular em larga escala, o que explica sua sobrevivência, enquanto que no velho mundo ela definhou, em especial na França, berço do espiritismo. Bernstein, citado por Silva, utilizou a técnica DRM, evidentemente inadequada, quando reproduz a sequência de sugestões até hoje aplicada pelos que defendem a eficácia da TVP para resgatar conflitos anteriores: “(...) daqui a pouco vou dirigir-lhe a palavra. Entrementes, sua mente voltará a tempos passados, até ver uma cena, por mais estranho que pareça, até que você se veja em algum outro lugar, em outra época” (Bernstein, *apud* Silva, 1968:100).

8 A psique, um santuário

Como deixamos claro no início, a falta de referenciais teóricos precedentes sobre o uso da hipnose nas pseudociências e das falsas lembranças nesse campo dá ao trabalho um enfoque compreensivelmente superficial. A argumentação tem como lastro nossas experiências pessoais e uma literatura adjuvante da mais alta envergadura, como se pode observar. O propósito é enfatizar que as intervenções nesse particular devem se pautar rigorosa e estritamente pelos princípios da ciência, e não

pelos inclinações e motivações personalistas. Quando menos, é uma contribuição para alargar o diálogo sobre a licitude da hipnose como método investigativo e como filtro para a verificação de fatos postos sob escrutínio. A falsa lembrança dificulta atestar a confiabilidade da hipnose na busca de informações críveis e resultados sólidos. É necessária extrema cautela em caso de potencial trauma, como alerta Irigönhê, por exemplo, diante de uma perquirição policial ou processo judicial:

O segundo princípio essencial de Loftus e Steblay consiste na construção da memória (*memory construction*). Trata-se da noção de que um evento experienciado é adquirido e codificado pela memória de forma incompleta e, posteriormente, recordado através de um processo construtivo que preenche as lacunas deixadas pela memória verdadeira com informações estranhas ao evento original (2014:62).

A aplicação da hipnose, a qualquer tempo, em qualquer circunstância e sob qualquer pretexto, não envolve apenas técnicas, procedimentos e saberes próprios, ela precisa ir além do seu território e percorrer caminhos pouco usuais ao seu ofício. Nunca é demais referir que se está lidando com a mente humana, versátil e mutante, com muito a ser desvendado, e sua complexidade, vulnerabilidade e capacidade de simbolização não admitem, em absoluto, simplificações e reducionismos no seu mapeamento, invasivo ou não, e menos ainda que se recorra a atalhos, artifícios e burlas em proveito próprio. À medida que os achados da ciência trazem novos dados e revisões acerca das sutilezas quase insondáveis da mente e cérebro, os outros campos do conhecimento se beneficiam no aprimoramento dos conceitos em seus respectivos domínios, e a hipnose, enquanto método terapêutico e investigativo, não é exceção.

Uma das formas para se evitar falhas e distorções, pode ser resolvida com a eliminação

da confiança excessiva na técnica da hipnose regressiva, com a finalidade de se provar um fato ou retirar da memória detalhes tendentes ao esquecimento. Sobre isso, Bertrand Russell emite um pensamento em tom de conselho, ou, talvez, de advertência:

Existe, acaso, qualquer conhecimento tão certo, que nenhum homem razoável possa dele duvidar? Problema que, podendo à primeira vista parecer pouco árduo, se apresenta na verdade dos mais difíceis. Quando tenhamos formado ideia nítida dos obstáculos que se opõem aqui a uma resposta clara e assegurada, achar-nos-emos bem lançados no estudo da filosofia – pois a filosofia é, afinal de contas, a tentativa de respondermos aos problemas últimos deste gênero, não descuidada e dogmaticamente, como usa fazer-se na vida ordinária e até ainda nas próprias ciências, senão que de maneira verdadeiramente crítica, depois de explorado tudo o que torna enleadoras tais questões, e de havermos consciência clara do que há de vago e de confuso nas nossas ideias ordinárias (Russell, 1959:29).²⁷

Quanto aos tópicos tratados aqui, a abdução, a experiência-de-quase-morte e a terapia de vidas passadas, por estarem fortemente entrelaçados, abarcam dimensões da condição humana umbilicalmente atreladas à natureza do ser, dimensões que enredam cultura, história, crenças místicas, religiosas e espirituais, metafísica e imaginário, dimensões que pedem imersão em linguística, semiótica, sociologia, antropologia, simbolismo, neurofisiologia e psicologia. No bojo dessas dimensões se

manifestam os sintomas inequívocos vinculados à *solidão cósmica*, à *insignificância existencial* e, principalmente, à *finitude*. Esse é o ponto nuclear que precisa ser ressaltado, ainda que sucintamente, dada a relevância e pertinência, porque remonta às bases educacional, cultural, social, religiosa e afetiva do sujeito, esta última no contexto do “sentimentalismo tóxico” (Dalrymple, 2015) no qual prevalece um estado de fraqueza e insegurança emocional em detrimento de uma postura e um pensar maduros. Vamos ao ponto, para o qual pedimos especial atenção.

A “abdução” proporciona ao indivíduo duas sensações distintas não excludentes, ao contrário: a convicção reconfortante de companhia cósmica e de ser “escolhido” para consumir tal certeza. A expectativa de “vidas pretéritas” – no plural, ou seja, *sucessivas* vidas após a morte –, está implícita à noção de reencarnação, ao *samsāra*²⁸, quer dizer, se houve vidas antes desta, haverá outras futuras, portanto, imortalidade, o que nos leva às experiências-de-quase-morte, quando se depara com o citado “túnel de luz”. As simbologias para *túnel* e *luz* são bastante óbvias na linguagem religiosa (linguagem e religião são partes de um universo simbólico), menção direta ao “caminho do alto”, à purificação, bem-aventurança, redenção, ao Paraíso. É por essa razão que se socorre à hipnose como meio de “comprovação científica” dessa crença, ingênua (como a criança), esperando ser o remédio que extirpe o “câncer” que é a finitude. É uma ilusão e um autoengano pensar que a hipnose seja uma ciência, o que nunca foi. William James, psicólogo e filósofo americano, ao criticar o “materialismo médico” que imputa às manifestações religiosas uma origem patológica, não negava, entretanto, que possam advir de sintomas neuróticos ou psicóticos.

²⁷ Bertrand Russell, *O Problema da Filosofia*. Trad. António Sérgio. Armênio Amado Ed. Coimbra. 1959.

²⁸ Doutrina védica da transmigração da alma que se baseia um ciclo repetido de nascimentos e mortes do ser, numa pluralidade de estágios transmigratórios que se interrelaci-

onam através de um princípio de causa e efeito fundado em ações produzidas em existências anteriores do indivíduo, que também podem produzir consequências para existências futuras.

A pulsão religiosa é uma das forças psíquicas mais fundamentais do ser humano, e, inegavelmente, é a matriz que concebe essas três chaves psicológicas como *panakéia* – a cura de todos os males do mundo – para os tormentos ontológicos mais insuportáveis, utopias estruturais lacerantes de base mítica: *abandono* (solidão cósmica), *desidentidade* (irrelevância existencial), *temporalidade* (finitude). Para Freud, apesar do vasto desenvolvimento da humanidade do ponto de vista científico, malgrado o evidente fracasso civilizatório, o homem continua com uma mentalidade primitiva apegada a deuses e a toda sorte de sublimação. Para ele, ancorar-se nesse entressonho de seres imaginários, espiritualidade e transcendência artificiais é negar a realidade, esperando por uma “redramatização” diante da hostilidade do mundo, uma forma primitiva e imatura da visão de si. O que lhe falta em razão e lógica transborda de ilusão e medo. Sagan tinha razão, os *daemones* do homem continuam assombrando e ele não tem como exorcizá-los, ou os escorpiões²⁹ de Freud, que povoam os porões mais escuros da alma. As palavras do psicanalista austríaco em *O Futuro de uma Ilusão* (1927), outra referência imprescindível dos nossos trabalhos, estão revigoradas quando explicitam a pobreza do espírito humano:

O homem comum entende como sendo a sua religião um sistema de doutrinas e promessas que, por um lado lhe explica os enigmas deste mundo com uma perfeição invejável, e que por outro lhe garante que uma Providência atenta cuidará da sua existência e o compensará, numa futura existência, por qualquer falha nesta vida (...) Tudo isto é tão

manifestamente infantil, tão incongruente com a realidade, que para aquele que manifeste uma atitude amistosa para com a humanidade é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de estar acima desta visão de vida (Freud, 2009:4412).

A mente é um precioso relicário memorial de afetos, sentimentos, vivências, dores, fantasias, medos, misérias, ausências, inquietudes e desejos, um tesouro a ser cuidadosamente resguardado da imperícia de leigos e imprudentes. O inconsciente é o lugar sagrado onde habitam pulsões biológicas instintivas, pulsões essas que ditam as ações e direcionam para escolhas que atendam nossas necessidades básicas de autopreservação.

Estamos falando da *psykhé*, arcabouço de emoções demasiado sensível e amoldável às contingências do mundo, agindo na fronteira entre a virtude e a vilania, a genialidade e a loucura, o *homo sapiens-demens* (Morin, 1973), uma “caixa-preta” (Flusser, 2002; Morin, 2007) receptora de excitações que são transformadas em *representações*, imagens e *signos*, flertando com a psicose e a neurose, sobretudo a noogênica³⁰. “Imaginação é a capacidade de decodificar fenômenos de quatro dimensões em símbolos planos e de decodificar as mensagens assim codificadas. Imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens” (Flusser, 2002:7).

Bion (1991), herdeiro do aporte teórico psicanalítico de Freud e de Melanie Klein, detectou que a mente articula estados psíquicos distintos, funcionando ora como opositora e contraditória, ora em compasso dinâmico entre as partes da personalidade. A diferença de seu trabalho está no fato de ter reconhe-

²⁹ Na verdade, os escorpiões eram do Dr. Theodor Meynert, chefe de Freud no hospital, que usou como metáfora para referir-se àquilo que deveria permanecer oculto no inconsciente e não ser trazido à razão, criticando o trabalho de Freud. Mais tarde, admitindo sua própria neurose, reconheceu o erro e incentivou-o a prosseguir nas pesquisas.

³⁰ A neurose noogênica trata dos conflitos de consciência, do embate de valores e da frustração existencial, que pode, ocasionalmente, se manifestar sob a forma de uma sintomatologia neurótica. (Cf. Viktor Frankl, v. referência).

cido o interjogo entre os estados neurótico e psicótico, *entre aspectos adultos e infantis* e entre elementos sadios e os patológicos; esse balanço configura um fluxo contínuo em uma mesma personalidade, e caracteriza a mente como um universo multidimensional, ou seja, para esse psicanalista, a forma de lidar com as realidades interna e externa depende do tipo predominante de funcionamento mental, que enfatiza, na sua compreensão, o conceito nodal da qualidade do pensamento; em outras palavras, na dinâmica psíquica, há uma atividade do pensar trabalhando psicoticamente e outra trabalhando neuroticamente.

Diante do exposto, considerando que as falsas lembranças induzem a distorções na reconstituição da memória sem nenhuma margem de confiança, e que as pseudociências estão fundadas na metafísica, na profusão de crenças pueris do pensamento mágico, no imaginário, na subjetividade e na dor existencial do desamparo, concluímos que a hipnose de regressão, não sendo um método científico, é totalmente ineficaz para o que se propõe, além do potencial risco à integridade psíquica de indivíduo. A psique é um santuário, e não pode ser invadido e profanado com veleidades e sortilégios.

Bibliografia

- Andrade, S. (s.d.). A Dramatização na Situação Analítica. *Passeidireto*. www.passeidireto.com/arquivo/18719550/a-dramatizacao-na-situacao-analitca-suad-haddad-de-andrade.
- Becker, E. (2008). *A Negação da Morte*. Record.
- Bion, W. (1991). *O Aprender com a Experiência*. Imago.
- Brown, R. & Kulik, J. (1977). Flashbulb memories. *Cognition*, (5), 73-79.
- Chiodo, K. (2010, set 21). Ver alguém fazendo algo é suficiente para criar falsas memórias. *Diário da Saúde*. www.diario
- dasaude.com.br/news.php?article=falsas-memorias&id=5761.
- Damásio, A. (1996). *O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Cia das Letras.
- Dawkins, R. (2007). *Deus, um Delírio*. Cia das Letras.
- Craik, F. (2002). Levels of processing: Past, present, and future?. *Memory*, (10), 305-318.
- Dalrymple, T. (2015). *Podres de Mimados*. É Realizações.
- Durand, G. (2002). *Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Martins Fontes.
- Durand, G. (1973). *A Imaginação Simbólica*. Edições 70.
- Frankl, V. (2010). *Ante el vacío existencial. Hacia una humanización de la psicoterapia*. Helder.
- Frazer, J. (1982). *O Ramo de Ouro*. Zahar.
- Freud, S. (1987). *Neuroses de Transferência: uma síntese*. Imago.
- Freud, S. (2009). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos. Obras Completas*, vol. 12. Imago.
- Freud, S. (2009). *Futuro de uma Ilusão. Obras Completas*, vol. 21. Imago.
- Freud, S. (2009). *Totem e Tabu. Obras Completas*, vol. 13. Imago.
- Freud, S. (2011). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Cia. das Letras.
- Fromm, E. (1956). *Psicoanálisis y Religión*. Editorial Psique.
- Gardner, M. (2002). *O Umbigo de Adão*. Edouro.
- Genestreti, G. (2011). Sonhos lúcidos explicam experiência de quase morte. *Caderno Saúde. Folha de São Paulo*.

- Gackenbach, J. (2012). *Video Game Play and Consciousness Development: A Transpersonal Perspective*. New Science Publ.
- Irigonhê, M. (2014). *Falibilidade do testemunho: Considerações sobre o reconhecimento de pessoas na esfera criminal à luz das falsas memórias*. Curso de Graduação em Direito, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- James, W. (1991). *As Variedades da Experiência Religiosa. Um estudo sobre a natureza humana*. Cultrix.
- Janet, P. (1973). *L'automatisme Psychologique: Essai de psychologie expérimentale sur les forme inférieures de l'activité humaine*. Centre National de la Recherche Scientifique.
- Jung, C. (1963). *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Nova Fronteira.
- Jung, C. (1989). *Freud e a Psicanálise. Obras Completas*, vol. 4. Vozes.
- Jung, C. (2000). *A Natureza da Psique. Obras Completas*, vol. 8:2. Vozes.
- Kirkpatrick, E. (1984). An experimental study of memory. *Psychological Review*, 1(6), 602-609.
- Lévy-Bruhl, L. (2008). *A Mentalidade Primitiva*. Paulus.
- Loftus, E. (2014). *Criando Memórias Falsas*. University of Washington.
- McNamara, P. (2019). *An Evolutionary Psychology of Sleep and Dreams*. Cambridge University Press.
- McNamara. (2009). *The Neurosciences of Religious Experience*. Cambridge University Press.
- Mendonça Jr., M. (s.d.). O fenômeno da regressão de memória. *Portal do Espírito*. <https://espírito.org.br/artigos/o-fenomeno-da-regressao-de-memoria-2/>.
- Morin, E. (1973). *O Paradigma Perdido: a natureza humana*. Europa-América.
- Morin, E. (1997). *O Cinema ou o Homem Imaginário*. Relógio D'Água.
- Raduga, M., et al. (2021). Emulating alien and UFO encounters in REM sleep. *International Journal of Dream Research*, 20(10).
- Reis, C. (2021). Semiótica do pensamento mágico e os signos da angústia humana. *BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. <http://bocc.ubi.pt/pag/reis-carlos-2021-semiotica-pensamento-magico.pdf>.
- Reis, C. (2018). O imaginário e a crença extraterrestre: um estudo transdisciplinar. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, (21), 41-57.
- Reis, C. (2021). Deuses e simulacros como representações para uma realidade imaginária. *BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. <http://bocc.ubi.pt/pag/reis-carlos-2021-deuses-simulacros-representacoes.pdf>.
- Renard, J-B. (1986). La croyance aux extra-terrestres. Approche lexicologique. *Revue Française de Sociologie*, 27(2), 221-229.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. J. Zahar.
- Sagan, C. (1997). *O Mundo Assombrado pelos Demônios – a ciência vista como uma vela no escuro*. Cia. das Letras.
- Samuels, A. e cols. (1988). *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Imago.
- Sacks, O. (2013). *Alucinações*. Relógio d'Água.
- Saunders, D. (2016). Lucid dreaming incidence: A quality effects meta-analysis of 50 years of research. *Consciousness and Cognition*, 43, July, 197-215.

- Shaw, J. (2020, abr. 8). False memories of crime appear real when retold to others. *UCL*. www.ucl.ac.uk/news/2020/apr/false-memories-crime-appear-real-when-retold-others.
- Shaw, J. (2020, abr. 8). Do false memories look real? Evidence that people struggle to identify rich false memories of committing crime and other emotional events. *Frontiers in Psychology*. www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2020.00650/full.
- Silva, G. (1968). *Parapsicologia e Psicanálise*. Itatiaia.
- Souza, L. (2021). Os sonhos na concepção de Freud. *Passeidireto*. www.passeidireto.com/arquivo/3610244/os-sonhos-na-concepcao-de-freud.
- Stein, L., & Neufeld, C. (2001). Por que lembramos de coisas que nunca aconteceram?. *Arquivos de Ciências da Saúde Unipar*, 5(2), 179-186.
- Vidolin, A. (2003). *Hipnose – Alterando e Desenvolvendo a Consciência*. Eclipse.